

Editorial

ATRASOS
NOS VOOS

O movimento, ontem, nos aeroportos brasileiros atingiu o ápice de atrasos, com 25% dos voos domésticos registrando demoras de pelo menos 30 minutos, segundo a Infraero. Numa só transportadora, mais de 50% das decolagens partiram após o horário previsto.

O transporte aéreo brasileiro há tempos que vem dando sinais de esgotamento. Inclusive registrou, há quatro anos, uma crise séria, quando o sistema entrou em colapso em consequência da greve dos controladores de voo, em seguida a dois graves acidentes aéreos.

De lá para cá, o problema foi contornado, inclusive com a entrada em atividade de outras operadoras. Mas a demanda crescente continuou a questionar a capacidade de atendimento tanto das transportadoras como da infraestrutura aeroportuária, representada pela Infraero.

Até agora, o governo tem conseguido administrar a crise, mas ela não foi debelada. Ao contrário, tende a emergir a qualquer aumento da demanda, vez que os investimentos indispensáveis têm sido postergados, em razão das indecisões do governo.

Este chegou a estudar a privatização dos aeroportos, mas remeteu a questão para a próxima administração, a fim de não enfrentar um debate que fatalmente repercutiria nas eleições. Agora, fala em dividir a Infraero em duas empresas com finalidades ainda obscuras.

Melhoras só deverão ocorrer às vésperas da Copa de 2014. Para esta e as Olimpíadas de 2016, a Infraero promete expandir as instalações dos aeroportos. Enquanto isso, juizados especiais cíveis já estão resolvendo questões decorrentes de atrasos e cancelamentos de voos.

As defasagens entre oferta e procura indicam a dificuldade do país em alcançar o desenvolvimento. Isso se verifica nos mais diferentes setores da vida nacional, desde educação e saúde até a malha viária e os portos, passando pela comunicação e a banda larga.

O Brasil ainda é um país que teima em manter o atraso – e não só nos voos de suas aeronaves.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR	Vittorio Medioli
PRESIDENTE	Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE	Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO	Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO	Marcos de Oliveira e Souza
GERENTE COMERCIAL	EDITORA EXECUTIVA
Leandro Figueiredo	Lúcia Castro
GERENTE DE TECNOLOGIA	SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Fábio A. Santos	Michele Borges da Costa
GERENTE INDUSTRIAL	ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Guilherme Reis	Aline Reskalla
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO	EDITORES
Walmir Prado	Primeira Página: Robert Wagner
GERENTE DE MARKETING	Opinião: Victor de Almeida
Alessandra Soares	Economia: Karlon Aredes
GERENTE DE CIRCULAÇÃO	Política: Carla Kreeff
Isabel Santos	Magazine: Silvana Mascagna
	Brasil/Mundo: Carla Chein
	Esportes: Denner Taylor
	Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

CENSO 2010

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Compartilhando fragmentos
do livro “Então, Deixa Chover”

Para publicar, “ando devagar porque já tive pressa”

Há uns três meses finalizei um livro. Estou lambendo a cria no baú virtual, sem pressa para a publicação, tipo “Ando devagar porque já tive pressa”... Meu processo de criação de um romance é uma gravidez: carrego em meu ventre mental, meses a fio, uma companhia de aventuras e desventuras criativas. Cortar o cordão umbilical é uma alegria dolorosa que agora compartilho.

“Então, Deixa Chover” é um romance que exala cheiros do cio da terra e expõe as entranhas da maternidade que incursiona pelos meandros do sofrimento mental, mas pode ser tipificado como um ecoromance que conta a saga de plantar alimentos livres de venenos e recuperar sementes criolas.

É um baú de memórias de Maria e seu filho Henrique, que nasceu, conforme ela, sem o “radar da moralidade”, que em psiquiatria é o Transtorno de Espectro Bipolar. São cortantes os fragmentos da conversa com um psiquiatra: “...a capacidade moral é genética. Pessoas como nossos filhos nascem sem capacidade moral! Tanto é que eles fazem as pessoas sofrerem, quando crianças são cruéis com animais e não sentem remorsos, porque são incapazes de sentir culpa!... As questões da moralidade, de fato, são culturais. Por suposto, todos os seres humanos as aprenderiam. Há seres humanos incapazes de apreender conteúdos culturais morais...”.

No capítulo 1, “Vivo de partida”, Maria inicia dizendo: “Eu tive um sonho. Um dia iria ao Festival de Cannes. Só para sentir o clima do mundo cinematográfico, que amo. Nunca fui. Jamais tive dinheiro suficiente para tanto. Tal-

vez até pudesse ter feito algumas economias e ter ido lá, pelo menos uma vez. Mas, quando eu podia ganhar dinheiro para ir, estava correndo atrás de outras coisas, outros sonhos. E o sonho de Cannes foi ficando longe, tão longe que se perdeu. E fui tocando a vida...”.

Para Maria: “A alternância de euforia com depressão é assim como um mundo que cai aos nossos pés aos pedaços... era preciso ir navegando, ao sabor das ondas da loucura... Como as ondas da loucura permitem. Assim gira o mundo de quem tem um louco em ca-

Romance exala cheiros do cio da terra e expõe as entranhas da maternidade que incursiona pelos meandros do sofrimento mental

sa... Se algum dia eu escrevesse um livro, seria sobre a minha estranha, grande e profunda capacidade de renascer das cinzas. Eu sou um protótipo de Fênix. Como na lenda. Sou incansável na arte de sobreviver. Fui bem-sucedida nas trilhas que percorri. Parece estranho? Ou é que os conceitos de sucesso e de vitória são polissêmicos, pois cada um comporta multiplicidade de olhares?”.

E narra histórias de amores. Ouçamos Henrique: “Ô tia Dedé, estou quase suspendendo o item dos namorados da mamãe da festa dela. Por quê? Tia Dedé, mamãe é o exemplo perfeito da

fila que anda. Moça do céu, a lista dela é de 27 ex-namorados, amantes, maridos, ou algo parecido. Mas quatro já partiram. São 22 vivos, pois um dos 27 foi repeteco”.

Em “Então, Deixa Chover”, as lembranças brotam como os cogumelos e as 11 horas, as flores preferidas de Maria: “Talvez adore 11 horas porque tenho pressa em ver resultados. Ela é uma planta rasteira de fácil cultivo e de crescimento rápido. Dá gosto plantá-la porque rapidinho dá flores. E sua floração é abundante. Nasce e cresce em qualquer lugar, até em locais entre as pedras. O nome, 11 horas, é porque suas flores se abrem por volta das 11 horas, sob o sol forte, voltando a se fechar no decorrer do dia. Em alguns lugares presentear alguém com 11 horas é uma confissão de amor”.

“Então, Deixa Chover” é também uma declaração de amor.

DUKE

